

seus nomes de mistério. Creutzer, por outro lado, demonstra que, tanto na Fenícia como no Egito, foram sempre os sete planetas conhecidos na Antiguidade, os quais, juntamente com seu pai, o Sol, ou seu "irmão maior", como querem outros, constituem um grupo de oito entidades; os oito poderes superiores ou os assessores do Sol, que executavam ao redor deste a sagrada dança circular, símbolo da translação dos planetas em torno do Sol. (*Doutrina Secreta*, III, 315, 316) Na Samotrácia e nos templos egípcios mais antigos, os Cabires eram os grandes deuses cósmicos, os Sete e os *quarenta e nove* Fogos Sagrados, enquanto que nos santuários gregos seus ritos tornaram-se principalmente fálicos e, portanto, obscenos para o profano. Neste último caso, os Cabires eram três e quatro, ou sete (os princípios masculinos e femininos). Esta divisão explica por que alguns escritores clássicos sustentavam que os Cabires eram apenas três, enquanto outros citavam quatro, que eram: Axieros (em seu aspecto feminino, Demeter), Axiokersa (Perséfone), Axiokersos (Plutão ou Hades) e Kadmos ou Kasmilos (Hermes, "aquele da lenda sagrada", que se explicava apenas durante os Mistérios da Samotrácia). Outros escritores sustentavam, também com razão, que havia apenas dois Cabires, que eram esotericamente os dois Dióscuros, Castor e Pólux, e, exotericamente, Júpiter e Baco. Estes dois personificavam geodesicamente os dois pólos terrestres e, astronomicamente, o pólo terrestre e o pólo celeste, e também o homem físico e o espiritual. Em astronomia, os dois pólos são verdadeiramente a "medida celeste" e assim são os *Kabires-Dióscuros* e os *Kabires-Titãs*, a quem se atribui a invenção do Fogo e a arte de forjar o ferro. Estes últimos eram os geradores e reguladores das estações e das grandes Energias vulcânicas, os deuses que presidem a todos os metais e as obras terrestres e que, além disso, foram as Entidades benfeitoras que, simbolizadas em Prometeu, levaram luz ao mundo e dotaram a humanidade de intelecto e razão. São os Fogos divinos sagrados, três, sete ou quarenta e nove, segundo o requer a alegoria, os Filhos do Fogo, Gênios do Fogo etc. Seu culto era universal e estava sempre relacionado com o fogo, razão pela qual o Cristianismo fez deles deuses *infernais*. Não se pode esquecer que o título destes "grandes, benéficos e poderosos deuses" era genérico; eram de um e outro sexo, assim como eram terrestres, celestes e cósmicos. Em seu caráter de Regentes da humanidade, encarnados como Reis das "Dinastias divinas", deram o primeiro impulso à civilização e encaminharam a mente, com que haviam dotado os homens, para a invenção e o aperfeiçoamento de todas as artes e ciências. A eles se atribui a invenção das letras (o *devanâgarî* ou alfabeto e linguagem dos deuses), das leis, da arquitetura, de várias espécies de magia, do emprego medicinal das plantas etc. (*Doutrina Secreta*, II, 378 e ss.) A eles se deve também o conhecimento da agricultura. Os marinheiros consideravam-nos como gênios protetores da navegação e, por este motivo, colocavam na proa de suas embarcações imagens de tais deuses. Os Cabires eram divindades rodeadas de um mistério tão profundo e impenetrável que a nenhum profano era permitido falar deles ou nomeá-los e, em Mênfis, possuíam um templo tão sagrado que, segundo Heródoto, a ninguém, além dos sacerdotes, era permitida a entrada. (Ver *Cabires*.)]

Kabirim – Ver *Kabiri*.

Kachâya – Ver *Kashâya*.

Kâchima (*Sânc.*) – Objeto de veneração situado num lugar consagrado, tal como uma árvore etc.

Kachta (*Sânc.*) – Dor, mal físico ou moral. Como adjetivo, aflito, desgraçado, miserável.

Kâchtâ (*Sânc.*) – Uma divisão do tempo equivalente a 3 segundos e 1/5. (*Râma Prasâd*)

Kachtakâraka (*Sânc.*) – Literalmente, "local de miséria"; o mundo, a Terra.

Kachtasthâna (*Sânc.*) – Mansão de dor, situação desagradável.

Kâdambarî (*Sânc.*) – Filha de Chitraratha. Seu nome é o título de uma célebre obra em prosa, espécie de novela, escrita por Bâna-bhatta e impressa em Bombaim.

Kadana (*Sânc.*) – Terror, perturbação, confusão; destruição, extermínio.

Kadara (*Sânc.*) – Tormento, agulhão, miséria.

Kadartha (*Sânc.*) – Desventura, mal.

Kadesh-kadeshim (*Hebr.*) – Os santos; os consagrados ao Templo do Senhor.

Kadmon (*Hebr.*) – O homem arquétipo. (Ver *Adão Kadmon*.)

Kadmos ou **Kasmilos** – Ver *Kabires*.

Kadosh (*Hebr.*) – Escreve-se também *Kodesh*. Consagrado, santo. [Alguma coisa separada para o culto do Templo. [Lugar santo ou de santidade.] Porém, entre o significado etimológico desta palavra e o subsequente significado em sua aplicação aos *Kadeshim* (os "sacerdotes" separados para certos ritos do Templo) há um abismo. As palavras *Kadosh* e *Kadeshim* figuram em *II Reis* antes como um título ignominioso, visto que os *Kadeshim* da *Bíblia* eram idênticos, em seus officios e deveres, às jovens bailarinas de alguns templos da Índia. Eram os *galli*, os sacerdotes eunucos dos ritos obscenos de Vênus Astarté, que viviam "junto à casa do Senhor". É muito curioso que os termos *Kadosh* e outros tenham sido adotados e utilizados por vários graus da Maçonaria.]

Kadrû (*Sânc.*) – Esposa de Kazyapa, "a serpente de muitas cabeças". Dela saiu uma raça de *nâgas* destinadas a povoar o *Pâtâla* (que sem dúvida alguma é a América). (*Doutrina Secreta*, II, 141, 604)

Kadush (*Hebr.*) – O Sol.

Kadvada (*Sânc.*) – "Que fala mal". Pessoa de ínfima classe, de educação escassa, de pouco valor.

Kaib (*Alq.*) – É o leite coalhado, azedo.

Kailâsa (*Kailasa*) (*Sânc.*) – Em metafísica, "céu", a mansão dos deuses; geograficamente, uma cadeia de montanhas no Himalaia, ao norte do lago Mansaravâra, também chamado *Mânasa*. [Tal montanha é habitada por Kuvera e Shiva. É também designada pelos nomes de *Gana-parvata* e *Rajatâdri*, "montanha de prata".]

Kailem (*Hebr.*) – Literalmente, "vasos ou vesículos"; os vasos para a fonte das Águas de Vida. Este termo aplica-se aos dez *Sephiroth*, considerados como os *núcleos* primitivos de todas as Forças do Kosmos. Alguns cabalistas acreditam que eles se manifestam no Universo através de vinte e dois condutos, representados pelas vinte e duas letras do alfabeto hebraico, compondo assim, com os dez *Sephiroth*, trinta e dois sendeiros de sabedoria. (W. W. W.)

Kaimurath ou **Kaimarath** (*Per.*) – O último da raça dos reis *pré-humanos*. É idêntico a Adão Kadmon. Um fabuloso herói persa.

Kaivalya (*Sânc.*) – Unidade, isolamento, independência, libertação, emancipação, bem-aventurança final. Resultado final da prática do *Yoga* de Patañjali, que consiste no isolamento do *Purucha* (Espírito) e sua libertação ou emancipação da *Prakriti* (Matéria), alcançando o *yogi* o estado de Unidade e vendo Deus manifestado em si mesmo. Eis aqui a definição de Patañjali: "Kaivalya é a resolução inversa das qualidades (*gunas*), carentes já de motivo para atuar em proveito do Eu (*Purucha*) ou, em outros termos, é o poder do Eu concentrado em si mesmo". (*Aforismos*, IV, 34.)